

## **A identificação do Jornalismo Investigativo na televisão brasileira<sup>1</sup>**

Valquíria Passos Kneipp<sup>2</sup>

ECA/USP, SP

FGF – Faculdade da Grande Fortaleza e FA7 – Faculdade 7 de Setembro, CE

### **Resumo**

Este artigo propõe a hipótese da entrada do Jornalismo Investigativo na televisão estar ligada ao trabalho de alguns jornalistas, que começaram a atuar na televisão nos anos 80. Trata-se de um levantamento realizado através da História Oral, que permite identificar, temporalmente, como começaram a ser apresentadas na televisão brasileira as reportagens calcadas no Jornalismo Investigativo. A atuação do jornalista Caco Barcellos e a exibição do programa *Documento Especial* são as primeiras experiências televisivas apresentadas com base na investigação, devido a metodologia diferenciada de trabalho apresentada por ambos.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Investigativo; História Oral; Telejornalismo

### **Algumas considerações sobre a História Oral**

Este artigo visa apresentar uma reflexão sobre a introdução do jornalismo investigativo nas reportagens de televisão no Brasil. Busca, também, ampliar as fronteiras históricas, através de depoimentos de telejornalistas que atuaram na década de 80. O motivo deste trabalho está centrado na possibilidade de delimitar um período importante, e de destaque, que foi a entrada do jornalismo investigativo na televisão brasileira.

Ao partirmos dos pressupostos de Meihy, que define a História Oral como “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos”, enquadrados o conteúdo deste artigo como um ramo desta prática, a História Oral Temática, que coloca como pano de fundo o telejornalista brasileiro. Existe outra possibilidade de subdivisão dentro da História Oral, que é a história oral de vida, a qual não aplica a este estudo. A História Oral também é uma orientação acadêmica, que busca, através de entrevistas pessoais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista formada pela Unesp de Bauru, Especializada em Teoria da Comunicação pela Fundação Cásper Líbero, Mestre em Ciências da Comunicação – Jornalismo pela ECA/USP, atualmente é Doutoranda em Comunicação pela mesma instituição, professora de telejornalismo da FGF e de Comunicação Organizacional da FA7, valkneip@usp.br.



gravadas por meio eletrônico, encontrar uma nova ou uma outra visão dos fatos. Ela estabelece uma estreita relação com o *modus operandi* do jornalismo, porque ambos utilizam como fundamento a entrevista, mas com objetivo e forma totalmente diferentes. O que difere a História Oral do Jornalismo é a maneira de processar a entrevista, visto que a primeira trabalha com um tempo de produção e elaboração muito mais extenso do que o Jornalismo, que vive na iminência do novo, do aqui e do agora e, portanto, tem um tempo de produção e elaboração muito menor. É importante registrar que, para a elaboração deste artigo, não se lançou mão de um projeto específico em História Oral, mas de alguns elementos adequados às necessidades do trabalho.

Ao se trabalhar com alguns pressupostos da História Oral, existe a possibilidade de se estabelecer, inicialmente, uma comunidade de destino,<sup>3</sup> para podermos identificar os prováveis grupos de interesse para o trabalho a ser realizado. No caso deste artigo, a comunidade do destino é formada pelos profissionais e pesquisadores de comunicação em geral, que se interessem pelo veículo televisão. Outro ponto fundamental para o trabalho com a História Oral é a indicação da colônia<sup>4</sup>, que, neste caso, é delimitada pelos telejornalistas, e, posteriormente, a sua divisão em redes<sup>5</sup>, que não aplica a este estudo, por haver uma única rede formada pelos profissionais que atuaram nos anos 80 ou que ainda atuam até hoje em telejornalismo.

As entrevistas realizadas com os profissionais, como “colaboradores”, e não como entrevistados, na forma jornalística usual, abre uma nova perspectiva para o surgimento de conteúdos informacionais. A perspectiva diferencial do entrevistado, que através do viés da História Oral, apresenta o mesmo acoplado ao projeto como um “colaborador”, e não um simples entrevistado, também é fator essencial para esta história que se pretende contar, pois os livros e as pesquisas jornalísticas já contam e mostram a história oficial, sem que se possa perceber a presença e a participação dos envolvidos no processo histórico. A prioridade da História Oral é a experiência individual e a participação efetiva do “colaborador” durante todo o processo. Nela, segundo GAGNEBIN, Jeanne Marie a experiência é a "retomada salvadora da palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento". e, mais

---

<sup>3</sup> Motivo central que identifica a reunião de pessoas com algumas características afins. Os judeus que passaram pelo Holocausto, por exemplo, formam uma coletividade com um destino comum marcado. (Meihy, 2006; 260)

<sup>4</sup> Coletividade ampla que tem uma comunidade de destino marcada. É através da definição de colônia que estabelece a rede. (Meihy, 2005; 260)

<sup>5</sup> Subdivisão da “colônia”, segmento específico de um grupo com afinidades pela “comunidade de destino”. (Meihy, 2005; 262)



ainda, de acordo com Ricardo Marcelo Fonseca: “Benjamin distingue a "experiência" - enquanto tradição coletiva, enquanto algo que encontra raízes remotas, como a tradição dos provérbios, do "contar" uma história de pai para filho, como a transmissão da sabedoria dos velhos para os mais novos - da simples "vivência", muito mais fugaz, desapegada e desenraizada, e que progressivamente vai substituindo a primeira”.

A adoção da História Oral como uma nova ferramenta para tentar, de uma forma dialógica, revisar e interpretar, através desta nova ótica, a história de um momento rico como foi a década de 80, pode trazer elementos importantes, inovadores e reveladores, pois não está se tratando com fontes oficiais, e sim buscando, através da experiência individual e, às vezes, até anônima, a luz da história oficial.

A única rede formada pelos telejornalistas dos anos 80 contou com a participação de quatro colaboradores do sexo masculino, na área geográfica compreendida pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O jornalista Luiz Gonzalez foi escolhido como ponto zero<sup>6</sup> deste artigo, pois o mesmo indicou novos entrevistados para falar sobre o assunto pesquisado. Os outros entrevistados foram Luiz Fernando Mercadante, Nelson Hoineff, Edson Higo do Prado e Caco Barcellos.

A metodologia da História Oral, segundo Meihy, “não procura a verdade, mas a experiência”, e traz uma perspectiva dialética com base em três momentos, que não foram seguidos à risca, neste trabalho, após a entrevista. Na primeira fase, a transcrição literal da entrevista gravada por meio eletrônico; na segunda fase, a textualização, que consiste, basicamente na retirada das perguntas; e numa terceira fase denominada de transcrição, onde se faz um rearranjo do texto, pois “na tradução do oral para o escrito não é possível traduzir sem mudança”.

Uma etapa posterior, que também não foi executada neste trabalho, consiste na negociação com o colaborador, onde o texto lido é apresentado, para que o mesmo possa autorizar ou opinar, em parceria com o pesquisador, sobre como deve ser apresentado o material final.

### **Algumas considerações sobre Jornalismo Investigativo**

---

<sup>6</sup> Ponto zero: (reserva de memória) todo grupo tem alguém que guarda a memória do conjunto, aquele que saber mais do conjunto. Depositário da memória de conjunto. Meihy, 2005.



A princípio, toda forma de jornalismo deveria ser investigativa, mas o que convencionou a criação de espaço exclusivo para essa prática foi a falta de investigação, que o jornalismo “chapa branca” vem apresentando ao grande público, através de matérias feitas pelo telefone, pela internet ou, ainda, enviadas por assessorias de comunicação. Ou, conforme Sequeira: “embora qualquer prática jornalística pressuponha alguma investigação, há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005; p.15).

O jornalismo investigativo surgiu nos Estados Unidos, a partir de 1955, após a Segunda Guerra Mundial. Seu paradigma foi o caso Watergate, uma série de matérias publicadas em 1972, no *The Washington Post*, pelos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward, que culminou na renúncia do ex-presidente americano Richard Nixon (SEQUEIRA, 2005, ps. 11 e 19).

Segundo Sequeira, no Brasil, o jornalismo investigativo só pode ser identificado a partir de 1975, quando o país entra no processo de abertura política, com o General Ernesto Geisel. Antes disso, a imprensa vivia sob censura prévia. O primeiro caso paradigmático de jornalismo investigativo foi publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1976, com uma série de três matérias intitulada “Assim vivem os nossos superfuncionários”, que foi produzida pela equipe de reportagem coordenada pelo jornalista Ricardo Kotcho.

No Brasil, de acordo com Sequeira, apenas dois teóricos conceituaram o jornalismo investigativo. O primeiro, Nilson Lage, definiu jornalismo investigativo “como uma forma extremada de reportagem, em que o profissional dedica tempo e esforço no levantamento de um tema pelo qual se apaixona” (SEQUEIRA, 2005, p. 24 APUD Lage). O segundo, Alberto Dines, como um “engrandecimento da informação, a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro” (SEQUEIRA, 2005, p. 21 APUD DINES).

Nos Estados Unidos, o estudo das reportagens investigativas, produzido por Kovak e Rosentiel classifica as mesmas em três tipos diferentes:

“original, interpretativa e reportagem sobre investigação. O primeiro envolve os próprios repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público. Esse é o tipo de reportagem que quase sempre acaba em investigações públicas oficiais sobre o tema denunciado.(...) A reportagem



investigativa interpretativa requer geralmente, as mesmas habilidades de iniciativa do jornalista, mas leva a interpretação a outro nível. (...) A reportagem sobre investigação empenha-se em acompanhar investigações: trata-se de um desdobramento recente do conceito que tem se tornado bastante comum nos Estados Unidos”. (SEQUEIRA, 2005, ps. 29-30)

No trabalho desenvolvido por Sequeira, a respeito do jornalismo investigativo, a autora partiu de entrevistas com os jornalistas Fernando Rodrigues, Rubens Valente, Percival de Souza e Antonio Carlos Fon, todos especializados no gênero, para conceituar o termo. A partir do conteúdo das reportagens investigativas, dos métodos e estratégias usados pelos repórteres nas suas rotinas produtivas, das relações destes com as fontes de informação e das questões éticas que norteiam a atuação profissional e a sua função social, Sequeira estabelece alguns parâmetros históricos para um conceito:

“o jornalismo investigativo é uma categoria que emergiu com a transformação das empresas jornalísticas em indústrias da comunicação, quando o leitor/consumidor passa a ser o fim e o objetivo do produto jornal. É quando a reportagem ganha, então, novo sentido, passando a conter os seguintes elementos: uma dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação entre outros fatos (contexto) e a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro”. (2005, p.61)

A partir da “verdade jornalística”, a autora define jornalismo investigativo como “um gênero que busca uma informação que grupos sociais de poder querem esconder, pressupõe-se que o repórter investigativo busca um fato que alguém não deseja divulgar, ficando explícito que o repórter caminha em direção a uma meta, um propósito, que é a verdade dos fatos.” (2005, p. 70)

No que diz respeito às estratégias, fontes e documentação, Sequeira recorre a Monteserrat Quesada para estabelecer alguns diferenciais: “o jornalismo investigativo não se diferencia do jornalismo de atualidade pelo formato do texto ou pela apresentação gráfica da reportagem, mas pelo processo de trabalho do profissional, pelas estratégias que ele utiliza na fase de apuração.” Outro diferencial que a autora aponta é que ele “não se limita a informar o factual, mas visa esmiuçar os acontecimentos e denunciar situações que prejudicam a sociedade, em busca da “verdade jornalística”, levando o profissional a lançar mão de estratégias que os jornalistas de atualidade não costumam empregar.”

Com relação às estratégias utilizadas pelo jornalismo investigativo, alguns elementos, como infiltração, gravadores, câmeras ocultas e grampos telefônicos são criticados pela maioria dos entrevistados de Sequeira. O jornalista Rubens Valente

aponta que mesmo o Código de Ética dos Jornalistas não sendo contra o uso das infiltrações pelo jornalista investigativo, o importante é “que o material coletado durante a infiltração não seja o ponto final da reportagem. Antes da publicação, os dados devem ser corroborados com outras fontes e por outros meios.” (SEQUEIRA, 2005, p.76). Já o jornalista Fernando Rodrigues lembra que “no Brasil, o Supremo Tribunal Federal considera legítimo que uma pessoa grave sua própria conversa, sem avisar aos seus interlocutores. O produto dessa gravação pode até ser usado em processos criminais.” Mas que isso não deve se transformar no único meio de produzir reportagens investigativas. Com relação ao uso de grampo, Percival de Souza é taxativo: “Gravar uma informação à revelia da pessoa que está conversando com você, informalmente, na base da confiança, na minha opinião é antiético, não é assim que se procede. Eu, pessoalmente, não uso nem gravador durante as entrevistas, pois acho que o aparelho inibe o entrevistado.” O jornalista Antonio Carlos Fon também se mostra contra: “eu tenho o mais profundo desprezo pelo uso de grampos telefônicos. Na minha opinião, não é método para ser usado por jornalista, é coisa de araponga, agente secreto, dedoduro. Nunca usei câmera escondida ou gravador.”

### **Referências históricas do telejornalismo brasileiro**

Antes de partirmos efetivamente para a identificação do jornalismo investigativo no telejornalismo brasileiro, é importante, mesmo que resumidamente, darmos uma passada pela evolução histórica dos telejornais no país, ressaltando que este leque, que agora se abre, está contido no eixo temático denominado Jornalismo Brasileiro<sup>7</sup>. De acordo com Melo, esta é uma ação investigativa articulada de modo a registrar a história do jornalismo praticado no Brasil, através do que ele define como jornalismo brasileiro<sup>8</sup>.

A televisão foi implantada no Brasil no dia 18 de setembro de 1950, por Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mas o primeiro telejornal só foi ao ar no dia 19. A PRF TV Tupi de São Paulo exibiu o *Imagens do Dia*, quase sem imagens, pois boa parte das notícias eram apenas lidas pelo apresentador Rui Rezende, as reportagens eram escasas, porque eram produzidas em filme, o que levava muito tempo para revelar,

---

<sup>7</sup> A bibliografia brasileira de Jornalismo tem se caracterizado por três vertentes: a história factual dos sistemas informativos, o memorialismo dos seus protagonistas e a recuperação profissional/didática das experiências peculiares a processos específicos. MELO, José Marques de, 2003, p.13.

<sup>8</sup> MELO, José Marques de. 2003, p.13.

montar e depois exibir através do telecine. O estilo era radiofônico, com uma leitura empostada dos radialistas que vieram fazer parte da televisão. (50 anos da TV – documentário exibido pelo TV Globo no ano de 2000) Em 1954, foi substituído pelo *Telenotícias Panair*, um telejornal pontual, com horário certo para começar, às 21 horas, dando início ao que se conhece hoje como instantaneidade. O *Telenotícias Panair* era apresentado por Toledo Pereira e ficou no ar pouco mais de um ano. Depois veio o *Repórter Esso*, o primeiro telejornal de sucesso da TV brasileira. Estreou na TV Tupi, de São Paulo, em 17 de junho de 1953. Ficou no ar por quase 20 anos, de 1953 até 1970, e era dirigido e apresentado por Kalil Filho. Depois, com a expansão da televisão, em 1954, os cariocas ganharam a sua versão com Gontijo Teodoro. O *Repórter Esso* tinha horário fixo, às oito da noite, e utilizava o plano americano. Levava o nome do patrocinador e seu slogan era: “Aqui fala o repórter Esso, testemunha ocular da história” (Paternostro, 1999, p. 35). *Edição Extra* foi o primeiro telejornal vespertino. Era apresentado por Maurício Loureiro Gama, na TV Tupi de São Paulo, e lançou o primeiro repórter de vídeo da TV brasileira, José Carlos de Moraes, o “Tico-tico”. (Paternostro, 1999, p. 35). *Jornal de Vanguarda* foi uma tentativa de criticar a situação da época e começou a ser apresentado na TV Excelsior do Rio, em 1962. Depois, foi para as tevês Tupi, Continental e Rio. Foi concebido e criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima e inovou com vários locutores e comentaristas, entre eles, Célio Moreira, irmão de Cid Moreira. O programa foi retirado do ar pela censura, em 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5. O *Show de Notícias* surgiu na TV Excelsior de São Paulo, em 1963, e ficou no ar até 1964. Dirigido pelo jornalista Fernando Pacheco Jordão, tinha a mesma linha do *Jornal de Vanguarda*.

Com a implantação da tevê Globo, em 1965, o primeiro telejornal da emissora foi o *Tele Globo*, que era exibido em duas edições – às 12 e às 19 horas. Em 1966, o *Tele Globo* passou a ter uma única edição, às 13 horas. Começou nesta época o *Ultranotícias*, com duas edições diárias. A primeira era apresentada por Paulo Gil, às 15 horas, e a segunda, às 19h45 era comandada por Hilton Gomes e Irene Ravache. Em setembro, o mesmo telejornal ficou só com a edição noturna. Em 1967, com a chegada de Armando Nogueira à direção de jornalismo da emissora, acabou o *Ultranotícias* e surgiu o *Jornal da Globo*, apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes. Era exibido às 19h30 e tinha Ramos Tinhorão como editor-chefe. Ficou no ar até 31 de agosto de 1969, dando lugar ao *Jornal Nacional*, primeiro noticiário em rede nacional, entrou no ar em

1º de setembro de 1969, na TV Globo do Rio de Janeiro. A figura do repórter foi copiada do modelo americano, através do enquadramento, do texto curto e objetivo, e da agilidade das reportagens.

O *Titulares da Notícia* foi o primeiro telejornal da tevê Bandeirantes, em 1963. A TV Cultura teve, em 1971, seu primeiro programa jornalístico, o *Foco Noticioso*, com o jornalista Nemércio Nogueira. Era um telejornal semanal, às sextas-feiras. Em 1988, colocou no ar o programa *Roda Viva* e, depois, no final da década de 80, o *Jornal da Cultura*. ([www.tvcultura.com.br](http://www.tvcultura.com.br))

O *Bom Dia São Paulo* estreou em 1977, na TV Globo de São Paulo, depois foi implantado em todas as afiliadas da Rede Globo. Constituiu a primeira experiência de telejornal matutino. Foi concebido em forma de prestação de serviços e era exibido de segunda à sexta-feira, às 7h. Foi o primeiro telejornal a utilizar UPJ - Unidade portátil de jornalismo.

A revista *TV Mulher*, em 1980, na TV Globo de São Paulo, foi o primeiro programa jornalístico dedicado à mulher e seguia o modismo do movimento de liberação feminina, consagrando a jornalista Marília Gabriela. Era exibido das 8 às 11h. O *Bom Dia Brasil* estreou, em 1983, como noticiário em rede nacional, gerado em Brasília. Tinha como conteúdo, principalmente, os assuntos políticos e econômicos. Atualmente é gerado do Rio, com participação ao vivo das praças de São Paulo e Brasília, e contém um leque de assuntos bem mais amplo.

Em julho de 1980, a TV Tupi foi cassada pelo governo militar e suas emissoras foram divididas entre dois grupos empresariais: Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Surge daí, ainda em 1980, a TVS, que posteriormente passou a se chamar SBT – Sistema Brasileiro de Telecomunicação, comandada pelo empresário Sílvio Santos.

Depois, em 1983, é inaugurada a Rede Manchete, do grupo Bloch, que no final dos anos 90 foi vendida e passou a se chamar Rede TV. Alguns destaques foram o *Jornal da Manchete*, com duas horas de duração e o *Documento Especial* – um programa de documentários televisivos.

O SBT resolve investir em jornalismo e lança o *TJ Brasil* em 04 de setembro de 1988. Foi o primeiro noticiário brasileiro a trazer a figura do âncora, um apresentador

que emite, além da informação, a opinião. O jornalista Boris Casoy conquistou o espaço com a opinião, mas ficou no SBT até 1997. (Paternostro, 1999, p. 37). Depois transferiu-se para a Rede Record, onde ficou até 2005. O jornalista Boris Casoy também teve uma breve passagem pela TVJB, uma emissora a cabo que ficou menos de um ano no ar em 2007. Atualmente está apresentando telejornal na TV Bandeirantes.

*Aqui Agora* foi criado em 1991, pelo SBT, para conquistar a audiência das classes C, D e E. Tinha características sensacionalistas, era apelativo, com reportagens policiais de aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão. Era considerado pela emissora como Jornalismo Comunitário. Saiu do ar no final de 1997. Em 2008, houve uma reedição do telejornal, mas a emissora o tirou do ar em pouco mais de um mês após a estréia.

O *Jornal da Band* entrou no ar em 17 de fevereiro de 1997, com o jornalista Paulo Henrique Amorin como repórter, apresentador e editor-chefe. Tinha característica opinativa, pois o apresentador expressava a opinião a respeito das notícias exibidas. Ficou no ar até 12 de janeiro de 1999.

A Globo News foi o primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas. Está no ar desde 15 de outubro de 1996. Inicialmente, copiou o modelo americano da CNN. Depois, veio a opção pela reapresentação da programação da TV aberta. Possui noticiário de hora em hora e programas informativos durante toda a programação.

A Band News entrou no ar em 19 de março de 2001. Tenta manter o modelo americano da CNN, repetindo o noticiário a cada quarenta minutos, em média. Tem o visual com as tarjas azul e vermelha, típicas da CNN.

Diante deste curto e rápido resumo do processo evolutivo dos telejornais brasileiros, é possível salientar que os anos 80 foi o período de maior crescimento e evolução do telejornalismo brasileiro, podendo, portanto, se localizar neste período, a chegada do jornalismo investigativo na televisão brasileira.

### **O Jornalismo Investigativo na televisão brasileira**

No dia 3 de fevereiro de 1980 acabou oficialmente a censura ao telejornalismo. Isso fez esta década se transformar no período de maior ebulição e criatividade na



televisão brasileira, pois o país estava saindo de uma ditadura militar de mais de 20 anos e precisava mostrar, através das imagens da televisão, o que era a liberdade de expressão. Havia também a necessidade de falar e de mostrar o que, até então, era censurado pelos militares. O telejornalismo era conhecido como “chapa branca”, pois só podia mostrar e falar aquilo que era de interesse do governo. Havia o consenso de que, pela televisão, o país vivia numa “ilha de tranquilidade”, pois eram essas as notícias que os telejornais mostravam.

Diante do processo evolutivo pelo qual passou a televisão brasileira podemos identificar seis fases, segundo Mattos:

- 1) A fase elitista (1950-1964), quando a televisão era considerada um luxo ao qual apenas a elite econômica tinha acesso;
- 2) A fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade, e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação;
- 3) A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), quando as redes de tevê se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação dos referidos;
- 4) A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova república, quando se intensificaram as exportações de programas;
- 5) A fase da globalização e da tevê paga (1990-2000), quando o país buscou a modernidade, a qualquer custo, e a televisão se adaptou aos novos rumos da redemocratização;
- 6) A fase da convergência e da qualidade digital, que começou no ano 2000, com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente a televisão, com a Internet e outras tecnologias.

Traçando um paralelo com esse processo descrito por Mattos, é possível identificar um processo semelhante na subdivisão que existe dentro da televisão, que é o telejornalismo. Desta forma, temos o seguinte processo evolutivo:

- 1) O rádio com imagens (anos 50);
- 2) A implantação do modelo americano (anos 60);
- 3) A fase cinematográfica (anos 70);
- 4) A valorização do texto (anos 80);
- 5) A segmentação dos conteúdos e formatos (anos 90);

6) O início do caminho para a era digital (anos 2000).

O recorte que se pretende fazer diz respeito aos anos 80, onde se identifica a chegada de jornalistas oriundos de veículos impressos para trabalhar na televisão. O fenômeno ocorreu porque a televisão, em termos de jornalismo, se apresentava inexpressiva, até então, ou como se costumava dizer, fazia-se de porta voz do governo militar. Não havia grandes furos descobertos pelos telejornais. O fluxo de informação era sempre iniciado pelos jornais e nunca pela televisão.

Neste período específico, é possível identificar e caracterizar dois momentos significativos do telejornalismo brasileiro, que podem ser identificados como iniciais para o jornalismo investigativo na televisão:

- a chegada do jornalista Caco Barcellos na tevê Globo; e
- a criação do programa *Documento Especial*, da tevê Manchete.

O jornalista Caco Barcellos começou a sua carreira profissional em 1972, quando ainda era estudante de jornalismo na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Durante dez anos trabalhou em veículos impressos, exercendo sempre a função de repórter. A primeira experiência foi no jornal Folha da Manhã, do grupo Caldas Júnior, no Rio Grande do Sul. Ajudou a fundar a primeira cooperativa de jornalistas de Porto Alegre e a revista *Versus*, tendo, também, trabalhado como colaborador nos jornais *Movimento*, *Opinião*, *Pasquim* e *Extra*. No seguimento de revistas trabalhou na *IstoÉ*, *Veja*, *Senhor* e na *TV Guia*, da editora Abril. Após este período, teve a sua primeira experiência em televisão, na Globo. A experiência foi curta porque ele foi convidado a formar a nova equipe da Abril, que pretendia a concessão de um canal de televisão. Como o canal não saiu, o projeto se encerrou e ele acabou voltando por mais um período a trabalhar no impresso, até retornar para a Globo, em 1982.

Quando resolveu trabalhar como telejornalista Caco Barcellos tinha o intuito de fazer reportagens investigativas, porque era um segmento que, até então, não existia na televisão brasileira: “não era uma coisa muito comum nessa época. Até o fim da ditadura. Não era assim, envolvendo denúncia.” Antes de deixar a redação da revista *Veja* e ir para televisão, ele recebeu apoio do jornalista Augusto Nunes, que lhe disse: “Caco, eu tô achando que tá muito legal o seu trabalho aqui, mas no seu lugar eu iria. Investigação na tevê, ninguém faz isso lá. Você vai se dar bem!”

Caco Barcellos é taxativo ao esclarecer a correlação entre o jornalismo investigativo e a denúncia: “eu acho que o jornalismo investigativo vai além da



denúncia. No Brasil, as pessoas falam de jornalismo investigativo associado com denúncias. Eu acho que as denúncias que estão sendo feitas, na sua maioria, na verdade, derivam do jornalismo declaratório, não do jornalismo de investigação, porque tudo é centrado em meia dúzia de entrevistas. Às vezes, até de forma leviana, mal provada, mal apurada. Não passa de uma entrevista.” Para ele, o jornalismo investigativo estabelece alguns diferenciais extremamente relevantes e não somente focado em denúncias: “no investigativo, você tem que ir além disso, independentemente se você estiver cobrindo um fato que envolva a denúncia contra a honra de alguém ou um elogio a alguém, eu acho que é igual, você tem que ter a postura ativa de apuração, com luz própria independente.”

Dentre as inúmeras reportagens investigativas produzidas por Barcellos na Globo, para os mais diversos telejornais ( *Jornal Nacional*, *Hoje*, *Globo Repórter*, *Fantástico e Profissão Repórter*), uma delas foi destaque e recebeu o prêmio Vladimir Herzog, sobre o atentado militar, durante a ditadura, denominada *Riocentro 15 anos depois*.

O *Documento Especial - televisão verdade* segundo o seu criador e produtor, Nelson Hoineff, era um programa, que se propunha a fazer tudo o que o telejornalismo quadrado não permitia, inclusive fazer investigação. O programa foi ao ar em 1989, pela tevê Manchete. Era apresentado pelo ator Roberto Maya. O programa tinha, inicialmente, 30 minutos de duração e tratava sempre um tema da atualidade, com formato similar ao de grande reportagem, que também era uma característica do *Globo Repórter*. O diferencial era a falta de “asepsia”, que caracterizava o jornalismo da Globo. Havia a utilização de cenas fortes, que, até então, não eram comuns na televisão. Antes do programa, apareciam alguns caracteres informando que crianças e pessoas sensíveis não deveriam assistir, devido a alta carga de realidade que seria mostrada.

Desde sua estréia, o *Documento Especial* passou por várias fases. A primeira e na mais original de todas, de 1989 até 1991, o programa foi exibido na tevê Manchete. Alguns dos programas mais marcantes desta fase foram: *Os pobres vão a praia*, *Muito feminina*, *Luta Livre*, *O suicídio dos índios Kaiowá*, *Amor*, *Vida de gordo* e *Igreja Universal*, onde foram mostradas, pela primeira vez na televisão, as práticas desta religião.

Em 1992, com a mesma direção e produção, o programa passou a ser exibido no SBT. Alguns aspectos se mativeram, como, por exemplo, as temáticas fortes, mas com um tratamento um pouco mais superficial do que na primeira concepção. Desta fase, o



programa *A cultura do ódio* rendeu, à equipe do programa, processos por suposta apologia ao nazismo e, ainda, foram acusados de apresentar entrevistas forjadas de supostos neonazistas. Também foram produzidos programas conceituais, como *Saudade e Amor, e Vidas Secas*, que rendeu à equipe prêmios internacionais. Em 1995, o programa sai do SBT, devido à censura imposta pela emissora.

Em 1997, na terceira e última fase, o programa volta a ser exibido pela tevê Bandeirantes, mas ficou no ar por dez meses, numa fase terminal, sem nenhuma reportagem marcante. Isso pode se explicar pelo grande período que havia passado desde a sua estréia, como uma novidade, até a sua última versão, quando já haviam surgido outras possibilidades de investigação na televisão brasileira.

De acordo com Hoineff, o programa era diferente porque:

“havia dois Brasis, o Brasil que tava na televisão e o Brasil que tava diante deos seus olhos. Então, você olhava pros dois lados e você via pobreza, bandidagem, roubo, miséria, sexo, corrupção... E você ligava a televisão e não existia nada disso. O *Documento* introduziu todos esses temas.”

Outro fator que reforçou o caráter investigativo do *Documento Especial* foi a utilização do plano sequência: “Planos em televisão tem que ter dois ou três segundos, quatro segundos estourando, mais que quatro segundos tem que cortar! Nós começamos a fazer plano sequência de trinta segundos, um minuto, dois minutos, quatro minutos.” informou Hoineff. Ele justifica essa prática, porque, em alguns momentos, era preciso contar uma história com começo, meio e fim. Como foi o caso do programa sobre a Igreja Universal do Reino de Deus:

“havia uma menina em transe no Maracanã e depois de tentar editar uma meia dúzia de vezes, ficou muito claro que aquele transe não podia durar três segundos, não podia sequer durar trinta segundos. Aquele transe só existia se durasse o tempo do transe que era quatro minutos e meio.”

Outra inovação do programa, de acordo com Hoineff, foi a abolição do uso do insert, pois não era o objetivo interferir nas imagens, tal como elas foram gravadas. Havia também a ocultação do repórter, que nunca aparecia ou fazia passagem, mas funcionava como um produtor da reportagem.

### **Considerações Iniciais**



É notório que, nos anos 80, o telejornalismo recebeu reforço dos profissionais que, até então, estavam no impresso. Na tevê Globo, essa premissa pode ser constatada à partir da chegada de Luiz Fernando Mercadante, que promoveu uma pequena revolução na emissora, trazendo muitos de seus companheiros do impresso para dar mais corpo ao telejornalismo, que era tão desacreditado. Segundo Mercadante havia uma espécie de afastamento entre impresso e televisão.

Nos anos 80, o filme foi substituído pelas câmeras; “só aí, uma mudança bem grande porque o filme chegava, levava uns quarenta minutos para botar no ar, o VT se podia até passar da rua e ia pro ar o vídeo – tape”, informou Mercadante. Segundo ele, o Brasil copiou, e copiou certo, o modelo americano de fazer telejornalismo, pois eles eram os melhores nisso. “Nós copiamos um pouco os americanos e hoje nós temos uma personalidade própria, tanto é que o americano vem aqui, às vezes, só pra olhar um pouco e fazer matéria no Brasil, porque eles falam que é melhor do que o europeu”.

A migração de jornalistas de um veículo impresso para um eletrônico, naquele momento, era essencial para o desenvolvimento da linguagem e do texto telejornalístico porque “o grande celeiro, claro, de profissionais para o telejornalismo era o próprio jornalismo impresso, então, era lá que eles íam buscar a experiência”, disse Edson Higo do Prado. À partir deste período, as redações de tevê ganharam uma estrutura organizacional parecida com a existente nos veículos impressos e criou-se também o primeiro manual de redação na Globo.

Neste contexto de mudanças que se pôde observar nos anos 80, outra novidade foi a identificação do jornalismo investigativo através dos dois casos que apresentamos neste trabalho. Tanto o programa *Documento Especial* de Nelson Hoineff quanto o método utilizado pelo jornalista Caco Barcellos, caracterizaram a presença de investigação, através de técnicas, até então, não utilizadas pelo telejornalismo brasileiro.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **História e Narração**. Perspectiva: São Paulo, 1994.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história**. Salvador: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **História de televisão Brasileira – uma visão econômica, social e política**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: R Sulina, 2003.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos – o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo – o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

### **Sites**

DOCUEMNTO ESPECIAL [http://pt.wikipedia.org/wiki/Documento\\_Especial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Documento_Especial) (acesso em 04/06/2008)

### **Entrevistas**

BARCELLOS, Caco. Entrevista realizada em 20 de maio de 2008 na cidade de Fortaleza.

GONZALES, Luiz. Entrevista realizada em 29 de novembro de 2006 na cidade de São Paulo.

HOINEFF, Nelson. Entrevista realizada em 20 de novembro de 2006 na cidade do Rio de Janeiro.

MERCADANTE, Luis Fernando. Entrevista realizada em 24 de outubro de 2006 na cidade de São Paulo

PRADO, Edson Higo do. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2006 na cidade de São Paulo.